



CORPOS INDÍGENAS MESTIÇOS (IN)DÓCEIS EM ‘ROMANCES DO CIRCUM-RORAIMA’

(IN)DOCILE MESTIZO INDIGENOUS BODIES IN NOVELS OF ‘CIRCUM-RORAIMA’

Huarley Mateus do Vale Monteiro

RESUMO: Este texto intitulado ‘Corpos indígenas mestiços (In)Dóceis nos Romances do circum-Roraima’ e constitui-se enquanto desdobramento da proposta de tese de doutoramento em Estudos Literários iniciada em 2016 (PPGL-UFPA); aqui, tem por objetivo central verificar a representação da categoria corpo como escrituração historiográfica, ‘corpo documento’. Focalizamos a matéria nortista, amazônica, produzida pela escritora roraimense Nenê Macaggi (A mulher do garimpo: o romance do extremo sertão norte do Amazonas (1976/2012), Exaltação ao verde: terra – água - pesca (o romance do baixo Rio Branco) (1984), Dadá Gemada Doçura Amargura (O romance do fazendeiro de Roraima) (1980) e Nará Sué Werená (O romance dos Xamauteuteris do Parima) (2012)) como referente para a analítica pretendida. Sabemos que não há uma sistemática definida nos estudos implementados pelos mais diferentes pensadores a respeito da categoria em questão; logo, partiremos da dinâmica interdisciplinar aproximando aspectos da genealogia de linhagem foucaultiana e da historiografia literária. Nessa linha de entendimento, a obra Vigiar e Punir (1999), de M. Foucault, constitui-se ponto de partida para nossa busca. Além deste, é possível emprendermos diálogo com as reflexões de G. Agamben (2017) e R. Esposito (2014). Dessa maneira, será efetuada a seguinte sistematização para a dinâmica de apresentação deste trabalho: inicialmente contextualizar a categoria corpo enquanto escrita da história; em seguida, será estabelecida alguns levantes problematizadores a respeito do entendimento do corpo a luz de Michel Foucault, Giorgio Agamben e Roberto Esposito; e, por fim apresento questões referentes às análises já empreendidas que integram parte da tese. Nestas, aponto como os efeitos dos projetos desenvolvimentistas na Amazônia incidem nos corpos das personagens dos romances em questão, indiciadores dos encontros étnicos que reverberam corpos mestiços (In)Dóceis dinamizadores das relações sociais na Amazônia contemporânea.

Palavras-chave: Corpos indígenas, Mestiçagem, Literatura Brasileira, Nenê Macaggi.

ABSTRACT: This text titled ‘(In)Docile Mestizo Indigenous Bodies in Novels of Circum-Roraima’ constitutes as an deployment of the PhD thesis proposal in Literary Studies started in 2016 (PPGL-UFPA); Here, its main objective is to verify the representation of the body category as historiographical bookkeeping, ‘body document’. We focus on the northern Amazonian material produced by the Roraimese writer Nenê Macaggi (A mulher do garimpo: o romance do extremo sertão norte do Amazonas (1976/2012), Exaltação ao verde: terra – água - pesca (O romance do baixo Rio Branco) (1984), Dadá Gemada Doçura Amargura (O romance do fazendeiro de Roraima) (1980) and Nará Sué Werená (O romance dos Xamauteuteris do Parima) (2012) as a reference for the intended analytics. We know that there is no definite systematic in the studies implemented by the most different thinkers regarding the category in question; Therefore, we will start from the interdisciplinary dynamics approaching aspects of Foucaultian lineage genealogy and literary historiography. In this line of understanding, M. Foucault Discipline and Punish (1999) is a starting point for our search. Besides this, it is possible to engage in dialogue with the reflections of G. Agamben (2017) and R. Esposito (2014). Thus, the following systematization will be performed for the presentation dynamics of this work: initially contextualizing the body category as history writing; Then, some problematic uprisings will be established regarding the understanding of the body in the light of Michel Foucault, Giorgio Agamben and Roberto Esposito; and, finally, I introduce questions regarding the analysis already undertaken that are part of the thesis. In these, I point out how the effects of developmentalists projects in the Amazon affect the characters’ bodies of the novels in question, indicative of the ethnic encounters that reverberate dynamizers (in)docile mestizo bodies of social relations in contemporary Amazonia.

Keywords: Indigenous bodies, Crossbreeding, Brazilian literature, Nenê Macaggi.



INTRODUÇÃO

Este texto surge com o objetivo de apontar os desdobramentos da pesquisa vinculada ao projeto de tese de Doutorado em Letras PPGL–UFPA; área de concentração dos Estudos Literários, vinculado a linha de pesquisa Literatura, Memórias e Identidades).

O título da proposta final encontra-se em fase de reformulação com vista a atender as indagações efetuadas no Exame de Qualificação de Tese. O amadurecida na proposta após a qualificação tem buscado nas apresentações orais em eventos científicos as devidas reformulações a serem seguidas, com vista a defesa da Tese; a exemplo disso foram o I Simpósio sobre George Agamben: reflexões sobre a catástrofe; IV Jornada de Estudos de Literatura e Resistência: momentos, monumentos de memória; ambos em 2017, e VI CIELA (Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia) 2018.

A categoria Corpo ganha força como elemento de tensão na proposta de Tese; porém, não nos ocupamos apenas do que ficou conhecido nos estudos Pós-coloniais como ‘corpos dóceis’, o que nos provoca são os manifestos de resistência que veem no corpo o ato de ‘poder da vida’ em manifestar-se contra docilização, daí (in)dóceis.

O corpus de análise, são da escritora Nenê Macaggi e ganha consistência em obras literárias cujas publicações iniciam na década de 1970 no espaço, hoje conhecida como estado de Roraima. O propósito constitui-se, a partir da narrativa literária, averiguar indícios que possibilitem reflexões sobre o entendimento de Biopolítica.

Nesse sentido, a década de 1960, para a literatura brasileira, é momento chave para esta abordagem, tendo em vista a provocação

feita aos estudos sócio-históricos a respeito dos acontecimentos que acometeram a sociedade brasileira. Partindo desse ponto, optamos por observar as obras *A mulher do Garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas* (2012), *Nara-Sue Uarená: o romance dos Xamatautheres do Parima* (1980), *Exaltação ao verde* (1984) e *Dadá Gemada, doçura e amargura: romance do fazendeiro de Roraima* (2012) como elementos de análise. Este corpus narrativo são da escritora Nenê Macaggi.

A ausência de estudos mais sistematizados sobre as produções da autora conduziram-nos a implementar leitura e criação de um projeto de pesquisa iniciado em junho de 2014, apresentado à Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Roraima (UERR), sob o título ‘Representações da violência na obra *A mulher do Garimpo: o romance no extremo sertão norte do Amazonas*’. Naquele momento o objetivo pautou-se nos indícios de violência que a obra apresenta, tendo como aporte teórico W. Benjamin.

As pesquisas realizadas, junto ao exercício de leitura, constataram a extensa produção intelectual da autora. Assim, percebeu-se a presença de outros romances e que compuseram o corpus em análise. Frente a isto, fez-se o recorte considerando o referente das edições surgidas a partir da década de 1970 para assim potencializar a proposta. A hipótese construída é que nele ressoam a provável escrituração literária do corpo (in)dócil como escrita da história.

A problemática inicial nos leva a verificar que historicamente a produção artística dinamizada por mulheres foi anulada pelo discurso androcêntrico que construiu e naturalizou a tese de inferioridade da intelectual feminina. Isso pode ser constatado pois “a figura da autora foi deformada [...] e para se chegar a ela é preciso ler através das ocultações que



apontam conflitos sincrônicos entre as representações da mulher, as representações de sua desfiguração e sua afirmação pela escrita” (TELLES, 1992, p. 4546). Essa reflexão pode conduzir-nos à uma crítica às práticas que se naturalizam, ainda na contemporaneidade; cujo os desdobramentos do poder soberano, suas decisões e ‘verdades’ sustentadoras de sua permanência no centro das ações, apresentam ressonância no campo literário. Sobre este ponto de vista:

“[...] a história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heróicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”.” (LEMAIRE, 1994, p. 58)

Essa condição de marginalidade a qual foram relegadas as escritoras confirmaria a relevância dos estudos sobre as obras de Nenê Macaggi, não apenas por nos trazerem informações sobre aspectos sociais, históricos, políticos e literários, mas também por contribuir significativamente para outro olhar e possibilidade de estudos a respeito de escritoras e escritores que estiveram, durante tempos, à margem dos debates acadêmicos.

É relevante lembrar que o período apontado nas obras foi de grande efervescência na região amazônica: garimpagem, pistolagem, expansionismo desenvolvimentista do Estado Novo, migrações; tudo isso, em meio ao regime civil militar que acometeu a nação brasileira. Recordemos que a formação do Estado moderno está vinculado ao poder sobre a vida; pois, a relevância do conhecimento sobre o território como meio de averiguar a dinâmica social de seus habitantes era um mecanismo em evidência. Daí a sondagem

dos crescimentos demográficos, a dinâmica migratória, taxas de crescimentos das endemias, e tantos outros dispositivos, são usados com intuito de criar práticas e estratégias de ação ratificadora da presença e afirmação do estado moderno. Assim, a vida ganha espaço no campo político como elemento a ser controlado e moldado através de mecanismos de controle. É a “mecânica do poder” agindo enquanto tecnologia que, atuando no corpo social, elege a vida dos indivíduos como necessitada de reforço para confirmar a presença do estado nação. Vejamos:

“[...] Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outro, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essa mesma força (em termos políticos de obediência).” (FOUCAULT 1987, pag. 127)

O fragmento nos aponta para as relações de poder, cujo alcance elege o corpo como referência da dinâmica da vida em sociedade, urbanizada e moderna. Essa complexa relação é investida no corpo enquanto meio de produção, sendo que quanto maior a produtividade maior será a sujeição do indivíduo. Essa produtividade dilui-se em um mosaico de ações, cujas peças que se articulam, disseminam-se na educação, nas atividades de recreação, nas práticas políticas, nas artes de maneira geral.

Para além disso, o que buscamos é entendimento da “mecânica do poder” não enquanto ‘poder sobre a vida’, mas sua resignificação de ‘poder da vida’ como resultante dos desdobramentos das práticas criativas e inventivas urdidas nas relações sociais implementada pelo capitalismo, cujas ressonâncias no campo da matéria literária, podem nos trazer indícios dos dispositivos



que atuam para manutenção dessa “mecânica” como leituras outras do Dizer literário.

Com base nisso, a construção da Tese se articula no âmbito dos Estudos Pós-Coloniais, especialmente pela ressonância que conduz às terminologias “poder” e “resistência” como operadores teóricos deste campo de entendimento; bem como, suporte teórico de campos outros: o pós-moderno, pelo entendimento de Linda Hutcheon (1991), e o de resistência em Alfredo Bosi (2008), que articulam afinidades com a dimensão dos estudos pós-coloniais. Além destes, por ser ponto central deste trabalho, devem ser destacados os estudos de Foucault (2001), R. Esposito (2011, 2012, 2017) e Giorgio Agamben (2002) sobre relações de poder.

Ao que se refere a metodológica, as abordagens de Foucault (1977, 1979), em sua fase genealógica, também seguida por Agamben (1993, 2017) e Esposito (2002), poderão ser de grande valia. Busco alinharme aos Estudos Pós-coloniais em sua vertente Latino-americana, tendo em vista a contribuição das reflexões sobre Resistência efetivadas, também, por Bosi (2008), Sarmiento-Pantoja (2009, 2013, 2014) entre outros e outras.

Algumas indagações iniciais surgiram e vem contribuindo significativamente para nossa busca: O que estas obras denunciam sobre relações de poder? Quais desdobramentos sobre ‘o poder da vida’ podem ser apontados nas obras, tendo Foucault, G. Agamben e R. Esposito como referência? Como o corpo é representado ou construído como elemento de resistência na escrita literária?

Com base nisso, Foucault nos ensina que:

“Os corpos só se tornam força útil se são ao mesmo tempo corpos dóceis. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos de violência ou de ideologia. Ela pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a

força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta.” (FOUCAULT, 1987, pag. 28)

Para Agamben “[...] O próprio corpo do homo sacer, na sua matável insacrificabilidade, é o penhor vivo da sua sujeição a um poder de morte, que não é porém o cumprimento de um voto, mas absoluta e incondicionada [...]” (AGAMBEN, 2002, pag.106). Na leitura, tanto do fragmento de texto de Foucault quanto de Agamben, resguardando suas propostas teóricas, o corpo ganha espaço políticos. Relativo a que nos propomos, ao que consta, esta tem sido a categoria de referência da sociedade moderna, porém submisso e produtivo. Porém, o manifesto de resistência contrário aos processos de exclusão e aniquilamento pode estar situado especificamente nesta relação. Isto ganha força nas próprias reflexões de M. Foucault (1976) quando afirma que não haveria poder sem a resistência e em R. Esposito (2012) ao mencionar se não seria o momento de implementarmos, não apenas o debate ‘sobre a vida’, mas sim incidirmos uma configuração filosófica e política potencializadora ‘da vida’.

Partindo deste aporte, acreditamos ser relevante, elencar aspectos sobre o sujeito que em suas articulações, no espaço conhecido como amazônico, assim são representados nos romances. Neste contexto: Maria Macaggi (nasceu em 24 de abril de 1913, em Paranaguá-Pr, falecida em março de 2003, Boa Vista-RR), mais conhecida no meio artístico como Nenê, é assim que aparece na produção literária e jornalística do estado de Roraima. Macaggi chega a região norte do país na década de 1940 havia sido enviada, pelo governo federal, para desenvolver atividades jornalísticas descritiva sobre os territórios federais da região vinculada ao então Sistema de Proteção ao Índio (SPI). Inicialmente fixou residência no estado do Amazonas (1941);



tempos depois, segue para a região onde hoje é o Estado de Roraima e assim continua suas atividades. Contudo, deve ser ressaltado que antes de sua chegada a esta região, Nenê já exercia intensa atividade literária e jornalística, constatam-se romances e crônicas (Água Parada e Chica Banana, 1930) e contos (Contos de Dor e Sangue, 1940), dessa época.

O corpus a ser estudado resulta de sua produção literária na região norte brasileira, mais precisamente os romances que iniciam a literatura produzida em Roraima e estariam vinculadas a questões cotidianas dinamizadas na região de garimpo, malocas e fazendas de Roraima, apontando ainda para questões de identidade regional (SILVA 2012). Para além deste pensamento, a contribuição de Sarmiento-Pantoja nos traz reflexões mais potencializadoras ao que propomos, estudos referentes a matéria literária:

“... o abarcamento de uma cultura localizada, a partir das condições geo-espaciais relacionadas à Amazônia, a memória ligada à apreensão da História, particularmente voltada a um conjunto de referências ao regime militar de 1964, e o trânsito da utopia estão entre as linhas de força que julgamos ser mais enfáticas, implicando complexas possibilidades criativas e reflexivas.” (SARMENTO- PANTOJA 2011, pag. 02)

No fragmento acima, a memória age como potência de apreensão histórica. Assim, os registros discursivos podem nos levar aos efeitos que os dispositivos de controle do estado agiram na configuração ‘geo-espacial’ apontados no corpus narrativo. Aparenta que o corpo irá atuar na construção narrativa ajustando-se aos mecanismos de ação do poder estatal em ênfase no momento da produção artística da autora. Dessa maneira, talvez o desenho discursiva do corpo das personagens/narrativas traduzam o que, tanto Foucault quanto G. Agamben e Esposito, ressaltaram sobre o ajustamento dos corpos à dinâmica implementada na sociedade contemporânea. Esta ‘linha de

força’, evidenciada por Sarmiento-Pantoja, parece-nos mais eficaz no que tange a construção central desta proposta.

Baseado nisso, outras provocações surgem, e contribuem para dar maior consistência à hipótese proposta: Haveria um EU masculino presentificado no Dizer narrativo? Através da narrativa é possível identificar elos de contato entre as narrativas que constituíram o corpus (similitudes e diferenciações)? Como os diferentes dispositivos apontam tanto o poder soberano/autoritário quanto os elementos de resistência no Dizer narrativo das referidas obras?

Partindo destas indagações talvez a maior provocação ao contexto ideológico, seja a relevante contribuição da autora para a matéria historiográfica, fortalecendo assim o aprimoramento da crítica pautada nas questões de resistência ao discurso colonialista.

DO REFERENCIAL TEÓRICO

As terminologias aqui exploradas, entendimentos-chave à proposta, entram em consonância com a linha de pesquisa Literatura, Memória e identidades. Desta maneira o corpo como categoria de análise dá significado e pertinência a nossa busca.

Um dos principais nomes em pesquisas a respeito do sujeito moderno é M. Foucault, principalmente na fase conhecida por genealógica, cujo foco central traz abordagens sobre o poder, o saber e o corpo, relacionando a configuração histórica do sujeito mediado pela relações sociais.

Se o corpo é um dos pontos de referência na genealogia de Foucault, que posteriormente foi seguido por Agamben e Esposito, é possível partir dele para apontarmos os atravessamentos que ele representa sobre biopolítica na dinâmica que configuraria o indivíduo moderno.

Nessa linha de entendimento, o corpo



passa a ser uma representação da escritura da história, revelando complexas relações e estratégias de poder que deixam nele seus rastros. Assim, é possível que o corpo aponte ligamentos entre a história e a literatura; pois, se nele estão tensas relações de poder e resistência, registros de elementos históricos; então, podem ser assim representados.

Contudo, Foucault nos leva a refletir sobre o homem moderno ocidental. E é aqui, neste ponto de referência, que G. Agamben (2002) agrega-se a esta reflexão. Para ele, essas relações de poder antecedem o sujeito moderno e encontrariam força já no pensamento que conduziu o Império Romano (AGAMBEN, 2002, pag. 127). Pensando assim, podemos entender isto como uma espécie de absorção de práticas de soberania reproduzidas pelo estado moderno.

O autor nos leva a entender que a decisão sobre o corpo em sociedade está no poder soberano, não apenas de decidir sobre a vida ou a morte do indivíduo, mas podendo agir também nas práticas de exclusão, implicando diretamente na condição de vida do ser humano. Busca para isto o entendimento romano de homo sacer (AGAMBEN, 2002), cujo indivíduo figuraria na sociedade sem o devido reconhecimento. Dessa maneira, o poder soberano opera no sentido de incluir ou mesmo excluí-lo das relações sociais estabelecidas.

A indiferença e a negação da identidade do indivíduo serão práticas atestadas na sociedade desde o período clássico até a contemporaneidade. Podemos verificar que, tanto em Foucault quanto em Agamben, o procedimento de exceção, um desdobramento das relações de poder, atua relativo a exclusão. Neste sentido, os corpos metaforizam as tensas relações de poder que elegem a vida em comunidade como elemento de práticas de exceção.

Roberto Esposito contribui para o debate tendo em vista o entendimento de vida nua,

tão bem evidenciado por Agamben (2002) a respeito do ‘poder sobre a vida’, em Esposito (2005, p. 12) esta reflexão vincula-se a capacidade humana de criar maneiras de resistir, dando-nos indícios de diferentes meios de agir contrários aos mecanismos de poder e controle. Assim a ‘contra conduta’ seria o ato de potencializar a vida como ação de resistência afirmativa. Em outro texto R. Esposito (2004, p.207) dá ênfase a potência da vida e sua capacidade de criar suas próprias normativas. Dessa maneira, quando nos referimos a categoria corpo mestiços, abordamos enquanto processo de escrituração inventiva, criativa, provocadora aos modos de captura dos corpos.

DA METODOLOGIA

O que se denomina de metodologia a ser instaurada neste trabalho; pauta-se em marcadores dialéticos e auto-reflexivos. Esse procedimento é uma tentativa contundente de verificar como se articula a linguagem, representadas através dos textos literários Pós-coloniais. Nessa linha de entendimento, farei uso do que M. Foucault (1977, 1979, 1986), G. Agamben (2002, 2007, 2017) e R. Esposito (2011, 2012, 2017) propõem, especialmente, naquilo que reverbera nos estudos de Sarmiento-Pantoja (2009, 2011, 2013, 2014).

Talvez a maneira mais produtiva de desenvolvimento dessa proposta seja visualizada nos trabalhos dos autores de nosso referencial teórico, quando da condução de suas próprias investigações. Sustentar-se na genealogia é buscar fundamentos de modo a mantê-los em constante tensão entre as práticas de poder e resistência. A genealogia, pode sim agir como:

“[...] insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, para conhecer o passado, como também para questionarmos o presente. Frente a esse movimento contextual e crítico, faz-se necessário mencionar procedimentos metodológicos específicos: a) revisão das etapas do projeto; b) revisão da



literatura, foco de abordagem Pós-colonial, na linha métodos e os conceitos de uma ciência, mais de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se essa institucionalização do discurso científico toma corpo numa universidade ou, de um modo geral, num aparelho pedagógico, [...] no fundo pouco importa. E exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar o combate.” (FOUCAULT, 1999, p. 14)

Ao que é evidenciado acima a genealogia afirma-se como um conjunto de procedimentos cientificamente úteis, não só em Foucault, mas também em Agamben e Esposito, já que seguem mesma linhagem metodológica, seja enquanto ‘vida nua’, e principalmente o ‘poder da vida’.

DE ALGUNS APONTAMENTOS

Enquanto pontos já verificados no corpus em processo de análise podemos dizer que a extensa produção literária da autora é possível que seja resultante de ressignificações de suas vivências junto aos indígenas, em regiões de garimpo e em meio as fazendas nacionais implementadas pelo SPI (Sistema de Proteção ao Índio) na região fronteira Brasil/Venezuela, região do circum-Roraima; porém, faz-se necessário aprofundar mais a pesquisa sobre este ponto, no sentido de verificar se o conjunto de obras resultariam em um projeto de escrituração, ‘um ciclo romanesco’, por nós nominados de Romances do circum-Roraima.

Já é possível afirmar que as representações da violência presentes nos romances, alongam o debate sobre as obras da autora para além dos elementos do regionalismo literário; nos trazendo indícios sobre a representação do corpo como uma escrituração de ‘contra conduta’, maneiras de manifestar-se contrário aos processos de violação.

Além disso, a ocorrência da travestilidade

enquanto dispositivo de resguarda do corpo evitando assim a violação, como em ‘A mulher do garimpo (2012a)’ é entendido por nós como manifesto de resistência, configurando o que podemos registrar como de corpo (in)dócil.

CONSIDERAÇÕES, APENAS CONSIDERAÇÕES

Devemos reconhecer a forma truncada do discurso narrativo, o que nos demonstra certa fragilidade na técnica de escrita da autora; porém, isso não anula o que emergem nos entre discursos que evocam das personagens que representam a voz do poder autoritário e soberano.

O conjunto de romances de Nenê Macaggi parece-nos que objetivava montar uma ‘cartografia’ da vida cotidiana na região do circum-Roraima, sem abrir mão dos conflitos e dramas, desenvolvidos como elemento de ficcionalidade, que ressoam enquanto escrita da história. Ao seu modo, a autora construiu um projeto ficcional cujos rastros podem nos conduzir a leituras outras para além dos apontamentos regionalistas. As personagens são protagonistas de tensões que dão aos enredos dos quatro romances a construção sócio histórica e cultural de espaços, cujos deslocamentos narrativos vão aos poucos desenhando grupos sociais, desvendando lugares, borrando a fronteira entre gêneros, cintilando cores que desvelam, nas entre/linhas, rastros da histórias de violências, opressão, subjugo e a presença do poder soberano. Há de ser evidenciado que os manifestos de resistência também são potencializados e demonstram sujeitos que mesmo dinamizando suas ações em meio a ‘docilização’, criam maneiras de indignação, seja através do travestimento; da rebeldia contrária aos ditames do senhorio das fazendas; da maneira de postar-se corporalmente ante a presença do opressor; na revolta pelo açoite causador de atos que levam a reações extremas contra o poder



soberano, ou mesmo na maneira transgressora ao interrogar-se sobre a escola e a cidade e tudo o que elas representaram à sua trajetória, dando outro significado a sua existência, como assim o fez a personagem indígena mestiços ‘Naldo Macuxi’, no romance *Dadá Gemada* (MACAGGI, 1980).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **O uso dos corpos**. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que é dispositivo**. In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, pp. 27-51.

_____. **A comunidade que vem**. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1993.

BOSI, A. **Literatura e Resistência**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2008.

ESPOSITO, R. **Personas, cosas, corpus**. Editora Trotta, Madri, 2017.

_____. **Comunitas: origem e destino de la comunidade**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

_____. **El dispositivo de la persona**. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

_____. **Bíos: biopolítica e filosofia**. Torino: Einaudi, 2004.

_____. **Immunitas : protección y negación de la vida**. (L. P. López, Trad.)Buenos Aires; Madrid: Amorrortu Editores, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 2a ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade, Volume 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001a.

_____. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. R. machado. Rio de Janeiro: Nau, 1999

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. tradução Ricardo Cruz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACAGGI, Nenê. **Dadá-gemada doçura amargura**. [mimeografado], 1980

_____. **A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas**. 2a. Ed. Boa vista - RR, Gráfica Real, 2012.

_____. **Nará-Sué Uarená: o romance dos Xamatautheres do Parima**. Boa Vista: Gráfica Real, 2012.

_____. **Exaltação ao Verde**. [mimeografado], (1984)

SARMENTO-PANTOJA, Tânia; RIBEIRO, J. O. S. **Multiplicidades do Discurso: Linguagem, Literatura, Arte e Educação**. Belém: Açai, 2009.

_____. **Arte como Provocação à Memória**. Curitiba: CRV, 2014

_____.; et al. **Literatura e Cinema de Resistência: novos olhares sobre a memória**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. **“Literatura e História: intermediações sobre a Amazônia em Benedicto Monteiro e João de Jesus Paes Loureiro.”** XII Congresso Internacional da ABRALIC. Curitiba, 2011.

SILVA, Mirella M. de B. **A construção de um modelo de identidade amazônica no romance A mulher do garimpo, de Nenê Macaggi**. Caderno de Resumo, ABRALIC, 2012 J. Pessoa: Ideia, 2012.

TELLES, Norma. In: JOBIM, Luiz. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.